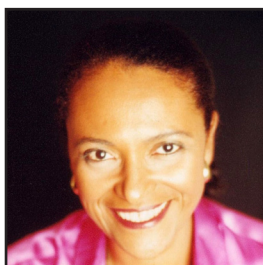


ENTREVISTA





Lígia Ferreira é bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) nas áreas de Língua e Literatura Francesa, Português e Linguística. Seu doutorado foi defendido na Université Paris III – Sorbonne Nouvelle (França), pelo programa de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos. No Brasil e no exterior, publicou capítulos de livros e artigos sobre Luiz Gama (resultado de sua tese), ensino-aprendizagem de língua francesa e análise do discurso. Organizou a reedição do único livro publicado por Luiz Gama, *Primeiras trovas burlescas de Luiz Gama e outros poemas* (2000), e recentemente publicou *Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas* (2011). Foi docente do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e do Departamento de Letras Modernas (área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), onde dirigiu o Centro de Línguas. Atualmente compõe o corpo docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A entrevista a seguir foi concedida a Dulcilei da Conceição Lima, mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Sua tese teve como objeto de pesquisa Luiz Gama, personagem ainda pouco conhecido pelo grande público brasileiro. Como foi o percurso que a levou até ele?

Estava na França já cursando doutorado em análise do discurso com Patrick Charaudeau e, paralelamente, fazia seminários com Mario Carelli, um franco-italo-brasileiro especialista das relações culturais França-Brasil, temática que me interessava e sob a qual trabalho ainda hoje. Em meados de 1987, comecei a participar de pesquisas e passei a produzir textos sobre o século XIX, e surgiu um interesse sobre a questão da escravidão, como a questão abolicionista e racial eram vistas pelos positivistas do XIX. Interessei-me por essa temática ao estudar fontes francesas sobre o Brasil. Nesse momento aproximava-se o centenário da abolição. Eu já morava na França e isso fez emergir algo presente na minha história. Meus pais eram amigos do escritor negro Oswaldo de Camargo e de sua esposa. Oswaldo me acompanhou desde pequena, ele era músico, eu tocava piano e participava de concursos, ele ia me ver tocar. E desde os 10 anos de idade eu aprendia francês, na escola pública e depois, por vários anos, como bolsista da Aliança Francesa de São Paulo. Toda vez que Oswaldo lançava um livro, ele me dava um de presente. Ele sempre dizia: "Lígia, não esqueça das nossas coisas!".

Morei na França durante os anos Mitterrand (primeiro presidente socialista do pós-guerra) em dois momentos, inicialmente de 1980 a 1981, e depois de 1984 a 1996. Esse momento fez emergir na França a presença multicultural, uma sociedade mestiça que tinha dificuldade em lidar com essa variedade. Foi aí que me dei conta de que era estrangeira e me senti mais próxima das coisas do meu país.

Quando tive que escolher uma carreira para prestar o vestibular, fiquei indecisa entre História, Letras e Direito. Acabei optando por Letras, mas todas se juntaram no doutorado. Pelo fato de estar nesse contexto de aproximação com a abolição, acabei ajudando a auxiliar uma mesa sobre o centenário da abolição na França.

Então, já tinha um mestrado em análise do discurso, cursava doutorado também nessa e já estava inscrita em análise do discurso, mas, em meados de 1987, tive uma crise e, com apoio de várias pessoas, resolvi migrar de disciplina. Iniciei um curso de pós sob a orientação de Mario Carelli, um franco-italo-brasileiro autor de *Carcamanos e comendadores*, uma importante pesquisa sobre imigração italiana no Brasil. Queria fazer algo semelhante. Abandonei então a análise do discurso e fui para área de estudos brasileiros. A primeira pesquisa para obtenção de um DEA – *diplôme d'études approfondies* (diploma de estudos aprofundados, equivalente a um mestrado) tratava de ver como em São Paulo houvera um processo contínuo, desde o final do século XIX, ou seja, de Luiz Gama até Quilombohoje, de manifestações literárias produzidas por negros. Na sequência, a definição de meu projeto de doutorado teve uma influência definitiva do eminente historiador e lusitanista Georges Boisvert, amigo de Antonio Candido, e que fora orientador do professor Carelli, que infelizmente veio a falecer ainda muito jovem. O professor Boisvert conheceu Luiz Gama através de mim e enxergou logo a potencialidade do tema e cumpriu muito bem sua função, sugerindo concentrar em Luiz Gama a minha pesquisa de doutorado. Quando saí desta conversa, senti uma satisfação, uma grande alegria interior. A escolha não poderia ser mais pertinente, como eu verificaria anos mais tarde. À medida que fui mergulhando nos estudos sobre Luiz Gama, percebi que não me limitaria apenas à sua obra poética. Outro sábio conselho de meu orientador, que está na origem de meus dois principais livros e da minha intenção fundamental de dar a conhecer os escritos de Luiz Gama, foi o de visitar todas as fontes. Nunca tinha ido a arquivo. Parte do meu trabalho então foi recuperar textos do autor, ler todos os que escreveram sobre ele, fazer leituras críticas da historiografia e da crítica literária.

Eu não tinha ideia do que ia encontrar ao estudar Luiz Gama. A grande erudição e experiência do meu orientador acabou me modelando, fez emergir minha sensibilidade para essa outra visão que vem da história, da antropologia. Leio documentos historiográficos com minha visão de letras e análise do discurso. O artigo da revista *Teresa* (FERREIRA, 2008) é exemplo de uma leitura que faço levantando problemáticas que só vieram à tona graças a uma análise do discurso. Mas também, graças à influência de um orientador lusitanista, consegui traçar paralelos entre a sátira de Luiz Gama e a sátira portuguesa, e redimensionar ainda a sua atuação e seu pensamento políticos. Foi um grande desafio escrever minha tese, *Luiz Gama: estudo sobre a vida e a obra de um negro-cidadão, militante da luta antiescravista no Brasil*, em francês, idioma que eu dominava bem, mas exigiu outras competências para a linguagem acadêmica. Mas creio ter conseguido evidenciar que Luiz Gama era mais do que o autor do poema "Quem sou eu" (em geral conhecido como "Bodarrada") e tinha aquela

biografia incrível, de um ex-escravo vendido pelo próprio pai, um autodidata que se torna jornalista, advogado, abolicionista e republicano da primeira hora em São Paulo. Mais uma vez, minha formação em Letras e análise do discurso suscitava algumas perguntas diferentes. Estudar Luiz Gama me fez percorrer de 1830 até a contemporaneidade, sobre a maneira como ele é falado até agora. E o Luiz Gama da posteridade parecia ir se distanciando da figura histórica, como se um quebra-cabeças ficasse com muitas peças faltando e outras se repetindo.

Luiz Gama teve uma ascensão formidável através da palavra – não é à toa que nomeei meu último livro *Com a palavra, Luiz Gama...*. A pergunta é: o que significou para um negro no século XIX conseguir adentrar um universo letrado, fazer um livro que não foi um livrinho? É preciso muito cuidado com o que se escreve sobre Luiz Gama, sob o risco de se diminuir sua obra, vítima de uma crítica. Hoje precisamos nos interrogar, avaliar quem fala e a partir de que lugar, porque do contrário pode-se deformar seu legado, sua grande conquista, sua excepcional capacidade de se apossar de um discurso incomum para um negro naquela época, discurso que ele vai manejar habilmente, tão habilmente que não podemos ler seus textos como documentos simples, são textos em "três dimensões".

Quem foi Luiz Gama? Qual seu papel no cenário político e intelectual brasileiro do final do século XIX?

Desde que comecei a estudar e a pesquisar sobre Luiz Gama, uma das primeiras coisas que me saltaram aos olhos, além da qualidade e da originalidade de seus textos, foi a discrepância que surgia quando comparávamos a recepção de Luiz Gama entre os leitores dele contemporâneos e uma outra recepção mais problemática que ilustra há mais de um século as dificuldades da crítica, da história e da história literária brasileira, principalmente, em lidar com a produção de autores negros ou mulatos que suscitam, nesses campos, alguns silêncios, mal-entendidos, deslocamentos.

Sempre que faço uma palestra ou dou uma aula sobre Luiz Gama, começo perguntando se seu nome é ou era familiar a todos, e caso fosse familiar, sob qual de suas facetas – se a do escritor, se a do libertador dos escravos. Em geral, a mais frequente era sempre esta última, já que se trata de uma figura icônica do movimento abolicionista e republicano paulista que toma corpo já no início dos anos 1870, com contornos específicos em São Paulo, na capital que é bastante marcada por uma forte cultura jurídica e liberal progressista, e, naquela altura, uma cidade muito distinta da metrópole que conhecemos na primeira metade do século XX, capital de uma província que, com a expansão da cultura cafeeira no interior, se converte numa das principais "províncias negreiras" da nação.

Na história recente, Luiz Gama é lembrado como o redentor dos escravos. Mas sua trajetória foi além: menino negro, nasceu livre em Salvador, Bahia, em 1830. É filho de uma qui-

tandeira africana livre, Luiza Mahin, e de um fidalgo pertencente à tradicional família baiana, cujo nome ele nunca revelou. Aos 10 anos foi vendido como escravo pelo próprio pai e só a partir dos 17 aprende a ler e a escrever com um estudante pensionista de seu senhorio. Um ano depois, foge e consegue sua liberdade. Alista-se na Guarda Municipal e por doze anos trabalha na Secretaria de Polícia de São Paulo. Em 1859 publica a primeira edição de seu único livro: *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, em São Paulo. Em 1864, ao lado do caricaturista Ângelo Agostini, funda o primeiro semanário paulistano ilustrado, o *Diabo Coxo*. Colabora também no *Cabrião*. Cria uma escola para crianças e adultos e funda a primeira biblioteca popular. Passa a exercer intensa atividade na imprensa. Como advogado, liberta centenas de cativos.



Sonhando, como escreveu, "com um Brasil sem reis e sem escravos", torna-se um reverenciado defensor dos ideais republicanos cujo partido, em São Paulo, ele ajudou a fundar.

Foi um dos primeiros a desenterrar a lei de 7 de novembro de 1831, que proibia a importação de escravos e declarava livre todo africano aqui chegado a partir daquela data. Foi uma das questões com que mais se debateu Luiz Gama, denunciando autoridades e juízes que fechavam os olhos à lei para defender a propriedade dos senhores de escravos. Antimonarquista ferrenho, Gama traz à imprensa o que considerava serem os principais vícios políticos do país: a corrupção dos políticos e magistrados, a hipocrisia racial dos mulatos "esbranquiçados" que se envergonhavam de suas raízes africanas, o enxovalhamento do Direito. Aliás, em anúncios de jornais, Luiz Gama oferece seus préstimos sem auferir lucros, pois, como escreveu, entendia que era preciso fazer um pouco de justiça "grátis" para os seus "infelizes", ou seja, não só escravos, mas também seus outros clientes: camadas pobres da população paulista envolvidas em situações judiciais sem defesa adequada.

Luiz Gama é ainda patrono da cadeira nº 15 da Academia Paulista de Letras. A vida e a obra deste emblemático negro brasileiro ainda tão desconhecido permitem, a meu ver, alinhá-lo entre os principais vultos afrodescendentes mundiais. Se fosse norte-americano, com certeza já teria sido alvo de uma cinebiografia.

Sua tese e seus livros focalizam sobretudo Luiz Gama como escritor, perfil pelo qual ele é pouco lembrado. Pode-se atribuir esse aparente desinteresse pelo trabalho literário de Gama ao fato de ter produzido uma única obra?

No século XX, ao mesmo tempo em que se congela a imagem do "grande negro defensor dos escravos", vários críticos e/ou historiadores começam a depreciar o valor de seus escritos, escrevendo coisas absurdas como o fato de ele ter sido vítima de forte complexo por ser negro e ex-escravo. Se houve alguém que teve uma imensa coragem e nenhum acanhamento político foi Luiz Gama. Neste sentido, creio que não seria exagero afirmar que foi vítima de um preconceito que negou e ainda continua negando a possibilidade de pessoas negras serem autoras de obras excepcionais. Por isso acho fundamental não nos contentarmos em "ouvir falar" de Luiz Gama, mas, agora, irmos direto à fonte lendo seus textos, o que de mais precioso nos legou a todos nós, brasileiros, num país que ele sonhou como uma República cujos cidadãos se medem por seu valor.

Quando revisitamos os textos críticos, deparamos com os moldes ou vieses interpretativos de uma época, com uma certa concepção de estilo, literatura e história, com as orientações ideológicas dos autores desses textos críticos. A visão que eles têm do negro e da relação entre escrita e cor no Brasil também permeia o julgamento oscilante daqueles que, ao longo de mais de um século, vêm examinando a obra de Luiz Gama. O foco muitas vezes se encontra mais na personalidade do autor do que na obra. Eu diria que as interpretações ficam mais problemáticas à medida que se avança no tempo.

Silvio Romero, que escreve uma história da literatura brasileira em plena voga da crença nas desigualdades raciais no século XIX, o "mestiço" Luiz Gama, de quem é praticamente contemporâneo, representava uma prova viva de que a mistura das raças no Brasil produziria uma população "inteligente". Ou seja, Silvio Romero contraria Gobineau, autor do *Ensaio sobre a desigualdade das raças*, que teve enorme sucesso entre a nossa elite branca, receosa de perder o trem da civilização diante de uma população brasileira fortemente africana (vejam-se os poemas de Luiz Gama) e que assusta diante das profecias do ex-cônsul da França no Brasil.

Para a fortuna crítica de nosso autor, também num sentido benfazejo, contribuiu significativamente a admiração de Manuel Bandeira, que celebrou o poema "Quem sou eu", incluído em sua *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*, de 1937. Além de considerá-la a melhor sátira da literatura brasileira, Bandeira também chamou a atenção para a beleza "no fundo e na forma" do poema "Meus amores", de Luiz Gama, que também foi o primeiro poeta brasileiro a louvar a mulher negra.

No ensaio crítico da reedição das *Primeiras trovas burlucas de Luiz Gama e outros poemas*, que organizamos no ano 2000 para a Editora Martins Fontes, bem como na minha tese de doutorado em que desenvolvi mais a análise da recepção de Luiz Gama, uma série de

mal-entendidos acerca dos escritores negros brasileiros foi gerada e perpetuada pelo ensaio *Poesia afro-brasileira* (1943), do sociólogo francês Roger Bastide. Estudo pioneiro, sem dúvida, nem por isso deixa de ser problemático. Acreditando nas influências do meio social e recorrendo à sociologia e à psicanálise, Bastide se propunha a demonstrar a influência da "raça na trama do escrito". Atribuiu às *Primeiras trovas burlescas* o papel de "marco fundador" da poesia afro-brasileira, mas negou envergadura intelectual a Luiz Gama, segundo ele, um "pobre escravo" cujas ambições culturais e literárias teriam ficado aquém de suas próprias expectativas. O sociólogo francês instila ainda uma opinião que se repetirá em outros trabalhos, a de que a obra de Luiz Gama se alimenta de um espírito de "vingança" contra o branco e seria o produto de uma vida de frustrações e fracassos. Ora, ao examinar a trajetória de Luiz Gama, o que se vê é totalmente o contrário. Sempre me indaguei, e ainda continuo me indagando, o que teria levado Bastide a fazer tais afirmações. Ele influenciaria muitos estudiosos da poesia negra no Brasil e no exterior, chegando à estranha conclusão de que "a poesia africana (sic) [de Luiz Gama] não era mais do que uma imitação da poesia africana dos brancos, pois nela", continua Bastide, "não se sente correr o sangue nem fremir a carne do africano". O autor de *Estudos afro-brasileiros* calou-se sobre a fabulosa metamorfose social de Luiz Gama, um homem de poucas posses e partidário da "pobreza virtuosa"; sobre seu admirável talento para construir em tão pouco tempo uma sólida cultura literária e, no campo jurídico, a erudição que o tornara uma referência entre os juristas do império no tocante às causas de liberdade; ignorou também o papel de um homem público por excelência que, embora vivendo sob o regime de Dom Pedro II, atua sem receios como "cidadão".

Mas ... quem ousaria contrariar um intelectual francês?

Outras avaliações parecem também, como fizera Bastide, abstrair dados históricos. Por volta do centenário da abolição, Zilá Bernd, autora de *O que é negritude* e de estudos comparados de poesia negra caribenha e brasileira, dissemina a ideia da "marginalização" do ex-escravo Luiz Gama tanto em seu tempo como na literatura brasileira que consagrara Castro Alves por este ter, com sua poesia abolicionista, respeitado a "tradição" desprezada por Luiz Gama.

Mais recentemente, ignorando sua estratégia discursiva calcada na ironia, bem como as filiações literárias do escritor nitidamente presentes em seus textos, Luiz Gama aparece aos olhos da historiadora Elciene Azevedo – autora de *Orfeu de carapinha* (1998), profundo estudo a ele dedicado – como um poeta "irritantemente humilde" (sic) e deslocado no mundo dos brancos no qual só conseguira ascender por desfrutar do apoio de padrinhos.

A influência da visão bastidiana não escapou também a Wilson Martins, autor de *História da inteligência brasileira*, que destinou à obra de Luiz Gama uma crítica mais generosa, porém marcada, segundo ele, por um "fundo amargo de ressentimento e despeito, de desespero e vingança". Lamentando o valor "insuficientemente reconhecido" do escritor, Martins, no

entanto, chama a atenção para a posição única, comparável ou superior talvez à de Gregório de Matos, por ser Gama "o nosso primeiro, no sentido da grandeza, e mais alto poeta satírico". Segundo Wilson Martins, a Luiz Gama coube um papel precursor na literatura brasileira, quando escreve: "enquanto outros poetas românticos escreviam odes à independência da Grécia, da Itália ou da Polônia, caberia a Luiz Gama iniciar entre nós a verdadeira poesia social. O liberalismo não era nele uma técnica [...] de evasão, mas uma forma de participar na solução dos problemas nacionais [...]".

Em Luiz Gama: etude sur la vie et l'ouvre d'un noir citoyen, poète et militant de la cause antiesclavagiste au Brésil, a senhora afirma que Luiz Gama inaugurou a primeira voz negra na literatura brasileira. Isso seria o mesmo que dizer que Luiz Gama foi precursor de uma literatura negra no Brasil? É possível afirmar a existência de uma literatura negra brasileira? Se sim, como essa literatura se diferencia?

Pode-se dizer que Luiz Gama é, digamos assim, o fundador de uma literatura negra brasileira. De forma muito simples, precisamos diferenciar literatura negra da literatura sobre temas negros. A expressão "literatura negra" sempre causa comoção, às vezes desnecessária, que reflete o que já falei antes, a dificuldade em lidar com escrita e cor. É possível resolver de forma simples, o que a meu ver é uma literatura negra, hoje como um subsistema da literatura brasileira (não podemos nos autoexcluir), aquela onde indivíduos, artistas, autores, escritos brasileiros visibilizam sua condição e se ligam a uma herança, um passado que tenha a ver com a presença africana no Brasil e de certa forma na relação que temos com a África, trazida na sua escrita. Não pode ser abordada sem levarmos em consideração que o autor quer ser visto dessa forma. A literatura de temas afro-brasileiros pode ser feita por qualquer um, como Jorge de Lima nos poemas afro-brasileiros ou Guilherme de Almeida no poema *Raça*. Ambos abordam temas afro-brasileiros, como a própria produção de Jorge Amado. A diferença primordial está, portanto, no ponto de vista da enunciação.

A chamada "questão do negro" é, pois, um "problema" para a nação, a cultura negra integra o "folclore" nacional identificando-se como "popular", o negro é escrito (e não "escreve"), o negro é "tema". São esses os lugares a ele tradicionalmente reservados. Revelador é também o ditado que traduz crenças profundas de nosso inconsciente coletivo: "negro sabido, negro atrevido" (aliás, é a epígrafe da minha tese).

A dificuldade de se admitir a existência de uma literatura negra consiste na manutenção do negro como objeto, tema e não como autor. É necessário conceder esse lugar ao negro, que, por razões históricas ou formação das letras, foi alijado dessa condição de autor, alguém que tem voz própria. Nesse sentido, Luiz Gama é uma figura paradigmática enquanto negro e autor.

Em seus textos, a senhora faz constantes aproximações entre Luiz Gama e Lima Barreto. O que há de comum entre esses escritores?

Tenho grande paixão pelo Lima Barreto. Acho que, se eu tivesse fôlego e a possibilidade de fazer uma tese sobre outra pessoa, seria Lima Barreto, mas, como Luiz Gama me ocupa há quase 20 anos, acho que ainda não encerrei meu trabalho de divulgação. Ainda existem outros aspectos a iluminar, além do que tenho meus estudos sobre a relação França-Brasil, mas vejo muitos paralelos entre esses dois homens que viveram experiências em tempos e espaços distintos. Luiz Gama e Lima Barreto são ambos, pela visão crítica sobre o Brasil, inigualáveis em sua lucidez. O primeiro, brilhante e solar, dotou-se de uma voz que, em seu tempo, se fez ouvir em todo o país. Nenhum dos grandes temas nacionais escapou a Luiz Gama: Guerra do Paraguai, questão religiosa, abolição, monarquia e república – para ele o único regime capaz de garantir a liberdade, a igualdade e a fraternidade entre os homens.

O segundo acabou empurrado não só para a periferia do Rio de Janeiro, como para a periferia da sociedade criada pela República. Esta, ironicamente, no seu ímpeto embranquecedor, positivista, eurocêntrico, retiraria do centro da vida pública negros e mulatos que haviam atingido alguma projeção durante o Império ou prestado serviço sincero ao novo regime.

Acho que ainda existem muitos paralelos que poderiam ser traçados entre a obra e o legado de ambos, a postura inclusive enunciativa desses dois mulatos ou "mestiços", que assumiram ou se colocaram como negros, ou se autodeclararam negros, e fundam, portanto, uma voz diferenciada no Brasil. Luiz Gama e Lima Barreto, a meu ver, introduziram a relação escrita e cor na literatura brasileira.

Seu projeto mais recente foi a publicação de *Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas*, lançado pela Imprensa Oficial em agosto de 2011. Fale um pouco sobre o livro.

Em minha tese de doutorado, revisei as versões até então existentes das biografias de Luiz Gama para elucidar alguns pontos, já que sua história sempre foi alvo de muita "imaginação", quando não de "ficções", o que, por um lado, é compreensível, dada a singularidade de sua trajetória. No livro recém-lançado, retomo um dos volumes de anexos de minha tese, contendo textos integrais de Luiz Gama, e amplio com textos, encontrados mais recentemente, representativos dos diversos gêneros que praticou. O livro reúne, pela primeira vez, cerca de 40 textos integrais de Gama, muitos deles inéditos. Cada bloco é introduzido por um ensaio no qual apresento e contextualizo os textos selecionados, pois nem sempre é fácil fazer algumas conexões. O volume é enriquecido também por um conjunto de artigos e ensaios a ele dedicados por seus contemporâneos, publicados na imprensa paulista e do Rio de Janeiro, textos que, em sua maioria, permanecem até então desconhecidos, além de cerca

de 30 ilustrações. É fundamental associar a palavra de Luiz Gama à imagem, pois não podemos esquecer que ajudou a fundar os primeiros órgãos de imprensa ilustrados. Estou muito feliz com esse livro, que saiu do jeito que imaginei. E a maior satisfação de um pesquisador é sentir que seu trabalho foi útil. No meu caso, com este livro espero que um número cada vez maior de brasileiros e brasileiras, pesquisadores, estudantes, professores, enfim, cidadãos deste país possam conhecer, ouvir e aprender as lições de cidadania deste homem plural.

REFERÊNCIA

FERREIRA, L. F. Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça. *Teresa*, São Paulo, n. 8/9, p. 300-321, 2008.